
TRABALHO COMO PRODUÇÃO DE VIDA

FERNANDO SFAIR KINKER*

KINKER, F.S. Trabalho como produção de vida. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.42-8, jan./abr., 1997.

RESUMO: As diversas experiências de reforma psiquiátrica têm produzido novas propostas de relação com a questão do trabalho. A partir de reflexões sobre as experiências de inserção no trabalho desenvolvidas pelos usuários do Programa de Saúde Mental de Santos, São Paulo, este artigo procura levantar questões sobre o significado dessas práticas em relação ao mundo do trabalho. Desta forma, levanta características deste contexto e assinala contribuições que partiram dessas experiências em direção ao mercado.

DESCRITORES: Desinstitucionalização, tendências. Saúde mental. Terapia ocupacional, tendências. Sociologia. Administração municipal. Política de saúde, tendências.

INTRODUÇÃO

Proponho refletir sobre uma das modalidades de intervenção do Programa de Saúde Mental de Santos, qual seja a formação de "frentes de trabalho", "grupos produtivos" e "cooperativas" formadas por usuários dos serviços em sua relação com as tendências atuais do trabalho, enquanto elemento de organização da sociedade.

Como forma de balizar a discussão, pretendo vinculá-la à seguinte questão:

- o que dizer do significado dessas práticas atuais no mundo do trabalho ou no mercado, e o que especular sobre o futuro delas num mundo em constante e rápida transformação, sobretudo na área da produção econômica?

CARACTERÍSTICAS DOS PROJETOS DE TRABALHO

Apontemos algumas características desta modalidade de trabalho desenvolvida em Santos:

- utilização do trabalho como um dos instrumentos do Sistema de Saúde Mental que colaboram para a substituição total do manicômio;
- escolha de atividades produtivas diversificadas, apontadas a partir da interação entre a escuta das necessidades e brechas do mercado e as possibilidades de se levantar recursos (humanos, materiais e parcerias) para seu desenvolvimento. Esta diversidade enfatiza a multiplicidade de experiências possíveis e a ampliação das possibilidades de escolha e de inserção participativa;

* Terapeuta Ocupacional. Diretor da Unidade de Reabilitação Psicossocial do Programa de Saúde Mental de Santos, no período de maio de 1992 a dezembro de 1996.

Endereço para correspondência: Fernando Sfair Kinker. Rua Pasteur, 72, apto. 22. Gonzaga. 11060-440. Santos, SP.

-
- trabalho desenvolvido grupalmente, cuja organização se dá através de reuniões de trabalho, divisão de tarefas, estabelecimento de projetos coletivos, discussão e compartilhamento de dificuldades;
 - intenção de que as atividades produzam em quantidade e qualidade suficientes para a sobrevivência no mercado, em busca do aumento da remuneração de seus trabalhadores e da ampliação do empreendimento;
 - em alguns casos, estágio profissional remunerado com supervisão em empresas, com o objetivo de ampliar a experiência profissional, através de bolsas de trabalho;
 - intenção de que os usuários alcancem um grau de autonomia elevado que se equilibre com o poder dos técnicos que atuam nos projetos;
 - que o exercício da autonomia, da cumplicidade e da solidariedade se dê através da formação de cooperativas de trabalho, registradas como pessoas jurídicas nos órgãos competentes;
 - intenção de que a comunidade local se envolva para tornar-se cúmplice, responsável e participante do processo e do sucesso da cooperativa, que passará a ter características de empreendimento social, com perfil privado e público ao mesmo tempo;
 - questionamento da forma moderna do trabalho (esta que substituiu o trabalho de tipo feudal) propondo novas normas nas relações, onde caiba a singularidade e o sofrimento dos usuários. Isto só é possível através da descoberta e da multiplicação de capacidades, como estratégias para que os usuários sejam os protagonistas do processo de trabalho;
 - ampliação dos recursos e dos atores sociais envolvidos diretamente nos projetos de trabalho, como forma de produzir novas alianças e normas, além de multiplicar as relações entre grupos sociais de origens diferentes;
 - participação nas lutas das organizações representativas das cooperativas de trabalho, principalmente as de caráter popular, que vem questionando e propondo estratégias de alteração do estatuto das cooperativas de trabalho no Brasil;
 - combate ao estigma de periculosidade e incapacidade do louco através do desenvolvimento de atividades que beneficiem a cidade como um todo. Por exemplo: manutenção de jardins das praças públicas, participação no programa de reciclagem de lixo, trabalho na construção civil colaborando com os projetos habitacionais para as classes populares do município;
 - desenvolvimento de atividades que sejam repletas de riscos e desafios, pois o nível de risco pode ser proporcional à potencialidade das mudanças* (KINKER, NICÁCIO)^{3,7}.
- Na perspectiva do trabalho desenvolvido em Santos, conceitos como autonomia e emancipação são fundamentais e encontram-se vinculados ao cotidiano das relações entre as diversas classes sociais (NICÁCIO, KINOSHITA)^{7,4}.

* Neste sentido merece destaque a experiência que tivemos no subdistrito de Bertioga, à 70 Km de Santos, São Paulo, onde um grupo de 15 usuários permaneceu durante meses trabalhando como operários de uma fábrica de blocos para a construção de casas populares em Santos. Como durante a semana os mesmos ficavam alojados próximos ao local, isto gerou discussões e intervenções da equipe de Saúde Mental na comunidade no sentido de mediar as relações e integrar os usuários aos moradores do bairro. Além disso, era grande a responsabilidade de todos, pois se esperava o fornecimento de matérias-primas para obras muito importantes. Por isto que dizemos que experiências arriscadas são as que geram aprendizados profundos.

A construção gradual de novos sujeitos sociais tem como locus a própria sociedade, o mercado e suas contradições (ROTELLI)⁸. Estas intervenções produzem deslocamentos fundamentais que estimulam a reorganização de relações, de normas, e a produção de novas formas de existência.

A possibilidade de reflexão da sua própria situação na sociedade, totalmente vedada aos usuários quando se tem como recurso o hospital psiquiátrico, pode ser potencializada em níveis altos e novas questões como a solidariedade, a inclusão e participação social e o enriquecimento da existência tomarem a pauta das discussões.

Desta forma, consideramos que estas propostas são estratégias de inclusão social sob uma forma participativa, que propõem ao imaginário social mensagens diferenciadas sobre a relação razão X desrazão, capacidade X incapacidade, trabalho alienado X produção coletiva, responsabilidade/solidariedade/cumplicidade dos cidadãos X valores individualistas vinculados ao capitalismo.

Além disso, ao produzirem a melhoria da qualidade de vida, seja através do que possibilita a remuneração ou da viabilização de novos tipos de relação social e interpessoal, ampliam a autonomia e o nível das trocas sociais, da contratualidade, servindo à luta dos grupos marginalizados.

MUNDO DO TRABALHO: CONSTITUIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Ao pensarmos no significado atual desta proposta na relação com o mundo do trabalho, devemos considerar sobretudo as transformações ocorridas no valor e no lugar do trabalho na sociedade, como consequência de um processo histórico iniciado no século XVI.

Levantemos alguns pontos que mais caracterizam o quadro atual e que podem servir de referência para pensarmos qual lugar e

sentido as práticas transformadoras podem alcançar:

- sabe-se que a partir da Revolução Industrial, e num processo lento e gradual, o homem foi tornando-se escravo do trabalho. O domínio de seu corpo e de suas pulsões por cerca de 12 à 16 horas diárias de trabalho jogaram para segundo plano, deixando residual, o desenvolvimento da cultura, das relações humanas, jogando fora tudo o que não fosse razão. Algo semelhante ao estado de morte, ou a dominação total dos corpos e mentes, que assim ficam alienados do indivíduo, sendo patrimônio das empresas e dos Estados. No contexto atual dos processos de trabalho a alienação, a objetivação e a mortificação continuam sendo padrões de fundo na relação do homem com o trabalho abstrato;
- é fato que esta lógica vinculada ao trabalho abstrato tem preconizado o dinheiro e a forma-mercadoria como valores fundamentais e elementos intermediários entre os homens. Além de objetos, estes elementos tornaram-se valores que orientam todos os estratos sociais da sociedade capitalista. Esta lógica apropria-se da acumulação como sendo o objetivo da vida e concebe o desenvolvimento como sendo a multiplicação da capacidade de produção;
- já que, como afirma o sociólogo alemão KURZ⁵, o comunismo e o socialismo real eram uma forma de “modernizar” os Estados-Nações sob a mesma lógica da forma-mercadoria, é certo que a derrocada desses países demonstrou o caráter predatório e concorrencial do capitalismo. Após eleger como inimigo o comunismo (como se este não fizesse parte da mesma lógica da modernidade e da forma-mercadoria, da excessiva positivização do valor de troca), agora o capitalismo vem assistir o fundamentalismo religioso e as lutas étnicas, que também podem ser

explicadas pela desordem dos Estados-Nações e pelo desenvolvimento do capital (KURZ, TOURAINE)^{5,9}.

- após utilizar o Estado como instrumento de desenvolvimento e modernização, o mesmo passa a ser um empecilho ao desenvolvimento do capitalismo, que prega uma ideologia neoliberal;
- os limites dos territórios tendem a desmanchar-se e as relações entre nações a serem substituídas por relações comerciais abertas (como a dos blocos econômicos OCDE, NAFTA, MERCOSUL), pelos capitais especulativos rápidos e voláteis que circulam pelo planeta, pela comunicação entre as pessoas via informática (que cria a possibilidade de criação de padrões culturais comuns entre pessoas de países diferentes que tem acesso à informação, e afastamento cultural entre as classes informadas e as desinformadas de um mesmo país);
- crescimento econômico, produtividade elevada e sem precedentes a conviver com distribuição desigual. Terceira Revolução Tecnológica e aumento do desemprego estrutural nos países desenvolvidos. As transformações no sistema produtivo, bem visualizadas nas revoluções industriais do século XIX, do início do século XX (Fordismo, Taylorismo) e hoje atualizadas pelo chamado “Toyotismo”, tem produzido mudanças no mundo do trabalho que levam o emprego a um processo de enxugamento, como demonstram todos os levantamentos da Organização Internacional do Trabalho - OIT - referentes às taxas de desemprego .

Como se vê, o momento atual é marcado por transformações que devem levar as práticas transformadoras - oficinas, frentes de trabalho, cooperativas - a alguns questionamentos.

Se o trabalho não tem o mesmo valor que no passado, como elemento normatizador e criador de padrões de conduta, como

localizar nossa prática em sua intenção de provocar intervenções e transformações na sociedade?

Sabemos que tem sido uma direção histórica do movimento dos trabalhadores as reivindicações por diminuição de carga horária e manutenção dos salários, mesmo num contexto de aumento do desemprego.

Estas atitudes muitas vezes desprezam os setores que estão excluídos da sociedade, mas podem contribuir para a promoção destes setores na medida em que a diminuição de carga horária pode levar à abertura de novas vagas.

Ao mesmo tempo e contraditoriamente, os avanços tecnológicos podem incorporar a quantidade de trabalho humano que é dispensado pelos setores produtivos e, desta forma, o número de postos de trabalho tendem a serem diminuídos ao invés de repostos.

Estes impasses tem sido acompanhados por fortes investidas do capital no sentido de “flexibilizar” os contratos de trabalho e de questionar os direitos que são garantidos pelas políticas sociais.

A intencionalidade neoliberal em torno da diminuição do Estado coloca em xeque as políticas de proteção aos cidadãos e acentua o quadro de miséria nas nações que nunca efetivamente incorporaram políticas de bem estar social (ANDERSON)¹. A questão dos custos do Estado também interfere nas práticas assistenciais transformadoras, uma vez que há uma pressão mundial pela economia dos orçamentos governamentais.

Por trás desta situação encontra-se o fetiche da mercadoria e do dinheiro como referenciais para a atuação dos homens no mundo, fundamentando o trabalho abstrato (KURZ)⁵.

A alienação no trabalho, desde os primórdios da industrialização até a atualidade, corresponde a uma forma de objetivação do homem que tornou-o também uma

mercadoria, que busca a acumulação de riquezas, o poder e a informação como sinais de libertação, emancipação, gozo e autopromoção, como que num reencontro com Deus ou ao momento da gênese do homem.

Estas questões são fundamentais porque demonstram como o trabalho - como a relação do homem com outros homens e com as coisas - assume ainda um lugar estratégico na organização social.

CONTRIBUIÇÕES DOS EMPREENDIMENTOS SOCIAIS AO MUNDO DO TRABALHO

A necessidade de repropor o trabalho como dimensão da reprodução social e como elemento que possibilita a interferência mútua entre homem-natureza, sujeito-objeto, é algo que a todo momento é colocado pelas novas práticas assistenciais. Recuperar no trabalho algumas características que este possuía quando ainda era um ofício de artesãos é fundamental para se contrapor inclusive ao caráter fetichista e massificador do mercado e de seus produtos.

A ampliação da capacidade tecnológica, ao invés de ser um produtor de exclusão poderia ser a possibilidade de resgatar ao homem experiências de trabalho, de arte, de lazer, que enriqueceriam a existência. Uma vez que as máquinas podem trabalhar pelos homens, estes tenderiam a usar o tempo aberto para construir novas formas de estar no mundo, novos projetos de vida.

As práticas assistenciais que assinalamos caracterizam-se pelo questionamento de valores que caracterizam a sociedade contemporânea e efetivamente demonstram na prática que é possível produzir novas formas de relacionamento entre seres produtivos que, juntos, transformam a qualidade de vida.

Uma destas questões, que consideramos herança do movimento cooperativista e socialista, é a possibilidade de distribuição

equitativa dos bens de produção, da produção propriamente dita, das tarefas do trabalho, da experimentação e descoberta de capacidades. Além disso, compatibilizar as exigências do mercado com o protagonismo e a promoção dos trabalhadores, que podem encontrar novas formas de produção e de relação com o trabalho é uma contribuição que pode ser apropriada pelo mundo do trabalho em geral, caso queiram mudanças no paradigma da produção.

Segundo nossa concepção, a produção no trabalho deve ser a justificativa de um processo mais complexo de produção de sociabilidade, de novas normas, valores sociais.

A experimentação deste novo patamar de relações promovidas pelas novas práticas assistenciais que tem como palco a cidade, que produz novos agrupamentos entre classes sociais distintas por meio de projetos, de contratos e combinações de intervenção no espaço social, é munição para uma ideologia que defende qualidade de vida para todos, no sentido de produzir um projeto de vida coletivo. Ou seja, o envolvimento de vários atores que não se originam do campo da Saúde Mental é uma das características que transformam atividades de grupos privados em empreendimentos sociais (DE LEONARDIS et al.)².

Mesmo o discurso neoliberal de diminuição do déficit público não encontra argumentos para combater a existência de projetos empreendedores desse nível, uma vez que os investimentos para a manutenção de políticas sociais anuladoras e excludentes, como as centradas em instituições totais, são superiores àquelas que produzem emancipação e autonomia, através da participação social. O brilho que esta população marginalizada exprime quando pode viver positivamente e transformar sua condição de desvantagem ilumina as contradições sociais que políticas anuladoras procuram esconder.

Os impasses presentes atualmente nos

debates sobre o mundo do trabalho e que são reproduzidos quando se discute as práticas as quais nos referimos dizem respeito à necessidade de novos padrões éticos entre as nações e suas populações: a necessidade do fim das guerras étnico-religiosas, a redistribuição da qualidade de vida, a revalorização da cultura libertária dos povos, a necessidade de redimensionar a relação do homem com os objetos, etc.

Nesta encruzilhada ética, a cultura não deve ser apenas um resíduo da atividade humana, mas seu principal elo com o mundo, e a infra-estrutura da sociedade junto à produção de excedentes a mantenedora da sobrevivência e da possibilidade de produção de valores, produtos e eventos sociais. Os empreendimentos sociais podem representar uma das alternativas de um novo mundo globalizado mas singularizado (ROTELLI)⁸.

Isto porque assumem um caráter ao mesmo tempo público e privado. Exigem participação efetiva do Estado mas convidam setores privados do mercado e pessoas da comunidade a se tornarem cúmplices e

participantes. São desta forma elementos que, em conjunto com valores de solidariedade podem transformar a lógica do mercado e redistribuir renda, com custos inferiores aos das tradicionais políticas sociais.

A participação dos loucos no sistema produtivo combina com o resgate da complexidade que cientistas contemporâneos querem aplicar à ciência, olhando de frente e não fugindo das desordens existentes nos fenômenos. Da mesma forma que na ciência, a cultura e os valores tenderão a transformar a razão em apenas uma das diversas possibilidades de compreender a realidade.

Trata-se, enfim, da batalha entre a ideologia da forma-mercadoria/razão/industrialização X produção de cultura/complexidade/distribuição de riquezas. Certamente, empreendimentos sociais podem ser instrumentos da última tríade, colaborando para que o mundo do trabalho esteja a serviço do homem e não dos fetiches produzidos pelo capital.

KINKER, F.S. Work as production of life. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.42-8, jan./abr., 1997.

ABSTRACT: Diversified experiences in Psychiatric Reform have produced new proposals related to the subject of Labor. Based on reflexions about work experiences developed by Mental Health Program users in Santos, São Paulo, this article seeks to discuss the meaning of such practices as far as its relations to Labor in general. This, brings to focus the context in which such experiences have developed and speculates on contributions towards Labor market.

KEYWORDS: Deinstitutionalization, trends. Rehabilitation centers. Mental health. Occupational therapy, trends. Sociology. Municipal management. Health policy, trends.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In : *PÓS-neoliberalismo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1995.
2. DE LEONARDIS, O., MAURI, D., ROTELLI, F. *L'impresa sociale*. Milano : Anabasi, 1994.
3. KINKER, F. et al. *Unidade de reabilitação psicossocial*. Santos : Secretaria de Higiene e Saúde, 1993. [mimeografado].
4. KINOSHITA, R. Em busca da cidadania. In: CAMPOS, F.C., HENRIQUES, C.M.P. *Contra a maré à beira-mar: a experiência do SUS em Santos*. São Paulo : Scritta, 1996. p. 39-49.

KINKER, F.S. Trabalho como produção de vida. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p 42-8, jan./abr., 1997.

5. KURZ, R. A síndrome do obscurantismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 nov., 1995. cad. 5, p. 12.
6. KURZ, R. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1993.
7. NICÁCIO, F. *O processo de transformação da saúde mental em Santos: desconstrução de saberes, instituições e cultura*. São Paulo, 1994. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
8. ROTELLI, F. O trabalho e a cultura. In : SEMINÁRIO DE PRÁTICAS ANTIMANICOMIAIS. [Palestra proferida no 14. Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em 1996]. [mimeografado].
9. TOURAINE, A. A revolta das comunidades. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 nov., 1995. cad. 5, p. 13.